Eles ainda podiam comer, beber e se divertir. Eu não podia, e nem queria

Assim foi, de maneira grosseira, a crença mais simples que eu mantive naquele momento; e, assim também, eu havia resolvido tudo sozinho, sem ajuda de ninguém – uma coisa pobre, mas minha; ou, como expressei nas palavras de De Musset[1], “Meu copo não é grande – mais eu bebo no meu copo”.

Pois, embora tais ideias estivessem no ar, como nuvens saudáveis, elas ainda não haviam se condensado em palavras impressas para os milhões. As pessoas não se atreviam a escrever sobre essas coisas, como fazem atualmente, em romances populares e revistas baratas, para que todos aqueles que se interessam possam ler e aprender a pensar um pouco por si mesmos e dizer, honestamente, o que pensam, sem ter que temer por um uivo de execração, clerical e leigo.

E não era apenas o que eu pensava como isso e não podia pensar de outra maneira; era como eu me sentia e não podia sentir o contrário; e eu deveria ter me mostrado como perverso, fraco e mesquinho, se eu já *desejei* pensar ou sentir o contrário, por mais pessoal que seja o desespero desta vida – um traidor ao que eu zelosamente guardava como os meus melhores instintos.

E, no entanto, para mim, a fé dos outros, embora não agressiva, humilde e sincera, muitas vezes parecera tocante e patética e, às vezes, até bonita, como tudo parece quando somos crianças, mesmo aqueles que são mais velhos, e deveriam tê-los afastados. Causara muitas vidas heroicas e tornara muitas vidas obscuras, livres de culpa e felizes; e então seu fervor e paixão pareciam queimar com uma chama duradoura.

---

[1] N.T.: Alfred Louis Charles de Musset foi um poeta, novelista e dramaturgo francês do século XIX, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como o Romantismo. Diz-se que ele foi "o mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos".

De vez em quando, em breves momentos e especialmente nos jovens, a infidelidade pode ser tão fervorosa e apaixonada quanto a fé, e tão estreita e irracional como *eu* achei; mas ai! Sua chama era intermitente e sua luz não era gentil.

Não havia comida para os bebês; não podia confortar os enfermos ou os arrependidos, nem resolver em harmonia as submissas discórdias interiores da alma; nem nos compensar por nossos próprios fracassos e deficiências, nem nos compensar, de alguma forma, pelo sucesso e prosperidade de outras pessoas que não escolheram pensar como nós.

Estava sem bálsamo para o orgulho ferido, ou para um desânimo fraco, ou consolo para o luto; suas ruas íngremes e acidentadas não levavam a nenhuma terra prometida de bem-aventurança e, a propósito, não havia lugares de descanso suaves.

Sua única arma era a firmeza; seu único escudo a resistência; sua esperança terrena, o bem-estar comum; seu prêmio terreno, a abertura de todos os caminhos para o conhecimento e a libertação de uma herança covarde de medo; sua recompensa final – dormir? Quem sabe?

O sono não foi ruim.

Então, esses simples jovens incrédulos, sinceros, humildes, devotos, sérios fervorosos, apaixonados e superconscientes, como eu mesmo tinha que ser muito forte, corajoso e autoconfiante (o que eu não era), e muito apaixonado pelo que eles conceberam como Verdade nua (uma figura de atrações pessoais duvidosas à primeira vista), para trilhar os caminhos da vida com aquela alegria, confiança e serenidade que o crente reivindica como seu próprio privilégio especial e particular.

Tanto pela minha profissão de infidelidade, compartilhada (se eu soubesse) aos bem mais velhos, mais sábios e com melhor educação do que eu, e somente alcançada por eles após um grande sacrifício de ilusões há muito acalentadas e por terríveis dores de questionamento da alma – uma luta e uma ferramenta que eu fui poupado pela consideração de meus pais gentis, quando eu era menino.

* * * * *

Assim, coube-me aproveitar ao máximo essa vida; pois, pelo que eu sabia, ou acreditava, ou até esperava o contrário, amanhã devemos morrer.

Não, de fato, que eu possa comer, beber e ser feliz; suponho que a hereditariedade e a educação não tinham me induzido dessa maneira, e as circunstâncias não o permitiam; contudo para tentar viver de acordo com o melhor ideal que eu poderia moldar fora de minha própria consciência e dos ensinamentos passados pela humanidade. E o ser humano, cuja concepção do infinito e do divino tem sido tão inadequada, que nos forneceu exemplos humanos (antigos e modernos, hebraicos, pagãos, budistas, cristãos, agnósticos e outros) como os melhores de nós e só podemos esperar seguir à distância.

Às vezes, eu ia de manhã ao trabalho, meu coração se alegrava com grande esperança e alta resolução.

Quão fácil e simples parecia levar uma vida sem medo, sem censura ou egoísmo, ou qualquer esperança sórdida de recompensa pessoal, aqui ou no futuro! – uma vida de resistência estoica, paciência e mansidão invencíveis, alegria indomável e abnegação!

Afinal, foram apenas mais quarenta ou cinquenta anos, e o que foi isso? E depois disso – *o que eu sei*?

O pensamento foi realmente inspirador!

Contudo, na hora do almoço (e o almoço consistia em um biscoito de Abernethy[2] e um copo de água e vários cachimbos de tabaco, barato e rançoso) alguma mudança sutil surgiria no espírito do meu sonho.

Outras pessoas não tiveram alta resolução. Algumas pessoas tinham um temperamento muito ruim e escolhiam muito o caminho errado.

Que lugar horrível era Pentonville para escravizar a vida de alguém! ...

Que tarefa árdua era estar sempre criando desenhos para pequenas lojas novas na Rua Rosoman, e não os tornar bem, parecia! ...

Por que deveria um zarolho, cheio de marcas na face, com as pernas tortas e corcunda Judkins (uma visão para fazer um sargento de recrutamento estremecer) sempre provocar alguém por ter se alistado como um soldado particular? ...

E, então, por que alguém deveria ser, apenas para ironicamente "atingir o tamanho do próprio companheiro", provocado além da resistência, alguém o agarrou pela calça folgada e gentilmente o sacudia até o chão, aterrorizado, mas sem ferimentos? ...

E assim por diante; e assim por diante; pequenas picadas constantes, humilhações sórdidas, desencanto, maldade e sujeira, que suscitou resistência a tudo o que era inferior e pouco louvável em si mesmo.

Alguém ajustou seus nervos com a liderança de uma esperança perdida, e um mosquito entra em seus olhos, ou um pouco de areia, e aí fica; e não há dúvida de levar qualquer esperança perdida, afinal, e nunca será; tudo o que estava

---

[2] N.T.: O biscoito Abernethy foi inventado pelo médico John Abernethy no século XVIII como um melhorador digestivo e, portanto, ajuda à saúde. Abernethy acreditava que a maioria das doenças era devido a distúrbios na digestão.

apenas na imaginação: é sempre mosquitos e grãos de cinza, mosquitos e grãos de cinza.

De noite eu havia, de forma vergonhosa, desmoronado e mergulhado nas profundezas de um pessimismo exasperado e até mesmo para lágrimas, e teria me considerado o pior e o mais infeliz da humanidade, mas que todo mundo, sem exceção, era ainda mais cruel e miserável do que eu.

Eles ainda podiam comer, beber e se divertir. Eu não podia, e nem queria.

* * * * *